

FERA, NA GRANDE OBRA COLETIVA DE FORMAÇÃO E  
DE EMANCIPAÇÃO NACIONAIS...". (18)

A distinção que Francisco Campos estabelece entre a educação para "PENSAR" e educação para "PRODUZIR" baseia-se, como já dissemos, na divisão social e técnica do trabalho, necessária à sobrevivência do modo de produção capitalista e visa a atender às exigências de diversificação de mão-de-obra exigida naquele momento no País, em consequência da emergência do processo de industrialização. Embora admita que tanto a classe dominante quanto a classe dominada sejam necessárias para manter o modo de produção, "AMBAS COLABORAM..." (19) fica claro que esta cooperação se faz em esferas diferentes. O sentido aqui é de acomodação, cada qual em seu lugar, (\*) sendo que, para aperfeiçoar esta idéia de distinção entre trabalho intelectual e trabalho técnico, chega ao extremo de admitir, como vimos no excerto nº 15, a possibilidade de desenvolvimento de todo um aparelhamento técnico sem o correlato desenvolvimento intelectual, estabelecendo assim claramente o abismo que coloca entre as atividades de pensar e as de agir, entre as classes dominantes e as classes dominadas.

Estes são, em linhas gerais, os pressupostos que sustentaram a posição de Antônio Carlos e Francisco Campos em relação ao problema educacional.

Vejamos agora em que medida estas idéias se refletem na reforma educacional realizada em Minas Gerais, bem como o sentido, a abrangência e as bases da mesma.

(\*) Há aqui subjacentes o espírito do corporativismo e do autoritarismo que se impôs, claramente, na vida política brasileira em 1937. A acomodação se faz pela organização de caráter corporativista. Isto é, cada órgão estando no seu "locus naturalis" se acomoda e daí surge uma ordem estável e orgânica. Cabe então aos "tutores do País", tendo a escola como mediação, determinar "quem é quem".

CUNÁRIO, PARTICULARMENTE, É QUE SE FORMA, MODELA E PLASMA A MENTALIDADE A QUEM INCUMBE ORIENTAR AS GRANDES E DEFINIDAS DIREÇÕES COLETIVAS DE QUE RESULTA E EMERGE O PERFIL DA CIVILIZAÇÃO NACIONAL". (16) (\*)

"O ENSINO TÉCNICO É OUTRO RECLAMO URGENTE E IMPERATIVO QUE NUNCA É DE MAIS CLAMAR E RECLAMAR; PARTICULARMENTE EM UM PAÍS QUE, COMO O NOSSO, ASPIRA A UM RÁPIDO E INTENSO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. O ANALFABETISMO TÉCNICO É AINDA MAIS PERNICIOSO QUE O DAS PRIMEIRAS LETRAS. UM PAÍS DE ANALFABETOS PODERIA VIVER E PROSPERAR, UMA NAÇÃO SEM O NECESSÁRIO EQUIPAMENTO TÉCNICO ESTÁ IRREMEDIavelmente CONDENADA A UMA VIDA DE RESTRIÇÕES E DE POBREZA, MAIS INCOMPATÍVEL COM O SENSO DE DIGNIDADE E DE RESPONSABILIDADE DO QUE UMA VIDA DE INDIGÊNCIA LITERÁRIA". (17)

"É OBRA DO ENSINO PROFISSIONAL PREPARAR ELITES PARA O MERCADO, ASSIM COMO O ENSINO CLÁSSICO PREPARA ELITES PARA A VIDA PÚBLICA... AMBAS COLABORAM, CADA QUAL NA SUA ESFERA".

(\*) Há uma grande identificação entre Francisco Campos e Gustavo Capaneira no que diz respeito às funções do Ensino Secundário na Sociedade Brasileira. Em 1942, na exposição de motivos que acompanhou a Lei Orgânica do Ensino Secundário, Capaneira praticamente repete as palavras de Campos no momento em que procura definir o papel do ensino secundário: "O ensino secundário destina-se à preparação das individualidades condutoras da sociedade da nação, dos homens portadores das concepções e atitudes que é preciso difundir nas massas, que é preciso tornar habituais e que é preciso difundir nas massas, que é preciso tornar habituais e que é preciso difundir nas massas, que é preciso tornar habituais e que é preciso difundir nas massas". - in TERTIS NUNES, Maria. "Ensino Secundário e Sociedade Brasileira", p. 113.